

## **VERSOS, NANQUIM E A TRADIÇÃO DA POESIA POTIGUAR**

**Lígia Mychelle de Melo Silva<sup>1</sup>**

ARAÚJO DE MEDEIROS, Vandeberg Ezequiel. **Versos e Nanquim**. Mossoró, Queima-Bucha, 2012.

Lançado recentemente, o primeiro livro de poemas de Vandeberg Medeiros – poeta e artista plástico, que tem o dom de traduzir imagens em palavras e palavras em imagens –, traz 61 poemas que, curiosamente, estão dispostos obedecendo a uma ordem alfabética. Intitulado *Versos e Nanquim* e publicado pela editora mossoroense Queima-Bucha, o livro está em perfeito diálogo com a nossa tradição potiguar/nordestina, uma vez que muitos dos poemas que constituem tal livro pintam com magistralidade os usos e costumes da nossa terra. Essa pintura é percebida logo pela escolha de alguns títulos e temáticas: “Casa de taipa”, “Fogão de lenha”, “Lamparina”, “Plantação”, entre outros. A esse respeito, podemos citar o poema “Ruela” (p.74), o qual descreve a disposição das casas de muitas ruazinhas de cidades do interior e/ou de bairros em localidades menos favorecidas socialmente na Grande Natal: “Simplicidade nas faixadas/ Umas pintadas, outras não. Umas tem porta,/ Outras portão.”. Outro poema cinzelado com a cor local é o “Fogão de lenha” (p.41), observemos a primeira estrofe transcrita abaixo:

Caloroso chefe de cozinha,

Engolidor de fogo e fumaça

Que grelando a carne seca

As vezes empresando

A uma tripa que assa.

[...]

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos da linguagem, na área de Literatura Comparada, UFRN. E-mail: [ligiamychelledemelo@yahoo.com.br](mailto:ligiamychelledemelo@yahoo.com.br)

É interessante observar que, ao mesmo tempo em que o poema vai descrevendo o fogão de lenha, ele vai também trazendo elementos da nossa culinária como a “carne seca” e a “tripa”, retratando, desse modo, não só esse tipo de fogão que, mesmo com o desenvolvimento tecnológico advindo das culturas modernas, ainda é preservado nas cidades de interior do nordeste nos dias de hoje, mas também os nossos hábitos culturais.

Ainda trazendo o diálogo com a tradição, observemos agora o poema “Rede de dormir” (p.72):

No vai e vem  
A vida passa tranquila  
De um lado pro outro.

Em formato de sax  
Dois armadores sonorizam o sino  
Compondo a música  
pra quem procura o descanso.  
Balanço.

É fria,  
É leve.  
Me leve  
Pro mundo dos sonhos  
No calor do sertão,  
Nas noites de inverno  
Na fortaleza dos teus fios tramados.  
O convite na parede.  
Uma tipoia,  
Uma rede.

Convidativo, esse poema chama-nos a atenção não só pelo fato de representar um costume tipicamente nordestino que é o de tirar um cochilo e/ ou se balançar numa redinha bem gostosa, tal qual a que é representada nos versos de Vandeberg, mas também pelo fato de dialogar com o poema “Rêde...” do nosso Jorge Fernandes (1887-1953) - “Embaladora do sono.../ Balanço dos alpendres e dos ranchos.../ Vai-e-vem das modinhas langorosas.../ Professora de violões... [...]” (1970. p.79). A semelhança entre os dois poemas salta aos olhos: percebe-se que tanto no poema de Vandeberg quanto no de Jorge uma das grandes marcas é a tentativa feliz de representar a musicalidade transmitida pelo balanço da rede, nas palavras de Jorge a rede é uma “embaladora de sonhos”, a “professora de violões”; nas palavras de Vandeberg “Dois armadores sonorizam o sono/compondo a música/ pra quem procura o descanso. Balanço.” E, em ambos, o “vai-e-vem” aparece, compondo a imagem acalentadora do balancear da rede.

É importante comentar que a semelhança entre os dois poetas não se limita a esses dois poemas, o estilo de escrever é muito parecido, além de outros pontos em comum, como a linguagem simples, a abordagem de temas corriqueiros (nesse quesito, nosso mais novo poeta pode ser incluso num grupo de poetas brasileiros mestres em transformar o dia-a-dia em obra de arte como, por exemplo, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Mário Quintana, etc.) o cheiro do regional etc. É possível, inclusive, falar que, possivelmente, Jorge Fernandes faz parte das heranças poéticas de Vandeberg Medeiros.

*Versos e Nanquins* pode ser descrito como uma verdadeira revisitação à cultura do povo potiguar, numa tentativa lírica de preservar nossa *memória*. Esta é entendida aqui como “um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas” (BONCOMPAGNO DA SIGNA apud LE GOOF, 2003, p.447) ou ainda como “um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”, conforme define Ecléa Bosi (2004, p.39). Tendo em vista tais acepções, podemos afirmar que a *memória* comporta o presente, o passado e o futuro, num movimento em que as recordações são embaçadas pelo tempo e o que ficam, na verdade, são fragmentos de lembranças recompostos pela imaginação. Esses fragmentos podem ser vistos em muitos dos poemas de Vandeberg, como é o caso do poema “Banho de chuva” (p.24), o qual descreve a alegria dos chamados

“banhos de bica” – “Nas cascatas que caem do teto,/ Crianças e adultos/ Parecem festejar/ Lavando suas almas/ E renascendo o espírito/ Na chuva que cai [...]”; no poema “Álbum de fotografias” que “eterniza momentos e pessoas” e também em “Lamparina” (p. 52), abaixo transcrito:

Dama da noite  
Com seu vestido metálico  
Habita solitariamente uma sala  
Acenando à procura de companhia,  
Cortando a escuridão noturna  
Com sua lâmina labareda  
Que não se cansa de acenar.

Essa dança de fogo  
De solidão avermelhada,  
Defuma o ambiente  
Iluminando prosas e rezas,  
Fechando o livro do dia que passou

E se no céu há chuva  
Não lhe sai a vaidade.  
Muda o seu visual  
Cacheando os seus cabelos  
Como quem faz um apelo,  
Chamando atenção  
Por viver na solidão.

Ao descrever com minúcias o “retrato” de uma lamparina, o poeta não só recupera essa “pequena lâmpada em que um disco de madeira com pavio no centro bóia em azeite, querosene etc.” (HOUAISS, 2004, p.446) que serve para iluminar “prosas e rezas”, cortando, assim, “a escuridão noturna” como também parece resgatar suas vivências e/ou vivências de outras pessoas recontadas, repassadas e,

agora, reconstruídas pela poesia<sup>2</sup>. Deste modo, em seu livro de estreia, Vandenberg Medeiros traduz perfeitamente a afirmação de Octavio Paz de que o poeta é a memória do seu povo e, nesse sentido, vem trazendo uma importante contribuição para o cenário literário potiguar.

## Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo, Companhia das letras, 1994.

HOUAISS, Antonio (Org.). **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, objetiva, 2004.

FERNANDES, Jorge. Livro de poemas. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

LE GOOF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. São Paulo, editora da Unicamp, 2003.

---

<sup>2</sup> A esse respeito, é interessante registrar aqui que, numa conversa informal, Vandenberg me confidenciou que para compor este poema, especialmente, para compor a terceira estrofe – “[...] Cacheando os seus cabelos/ Como quem faz u apelo,/ Chamando atenção/ Por viver na solidão.” –, foi essencial para o poeta o conhecimento do sertanejo que o mostrou que nas experiências de inverno, quando há possibilidades de chuva, a lamparina fica com o pavio cheio de bolas. É a umidade do ar que faz criar essas bolas, cacheando o pavio. Por isso que a lamparina muda o visual.